

Tributo Fé e Liberdade

Maria Barroso, Mulher de Liberdade e de Dignidade

Entendeu o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa criar um prémio para galardoar personalidades que na sua vida se tenham distinguido na procura e na instauração da liberdade, que é sempre enriquecida quando iluminada pela fé.

Trata-se de uma relevante iniciativa, que pretende chamar a nossa atenção universitária e a atenção do público para exemplos que nos vêm da sociedade, e não apenas da Igreja, para contributos dados para a construção da liberdade no mundo. Para nós, que temos um entendimento evangélico da liberdade, é reconfortante constatar que existem exemplos, dentro da Igreja e fora dela, que atestam que o espírito de Deus sopra onde quer e inspira comportamentos livres. Existem lutadores pela liberdade que encontram na fé a força motivadora dos seus combates, existem outros que, no fundo do seu combate pela liberdade, encontram a fé. A fé está na origem e no resultado de muitos combates pela liberdade.

Entre as primeiras pessoas distinguidas, este ano, quis o Instituto apontar o exemplo da Dr. Maria de Jesus Barroso



POR
**Manuel
Braga da
Cruz**

Reitor da Universidade
Católica Portuguesa

Soares, que me é dada a subida honra de apresentar.

A vida de Maria Barroso confunde-se com a luta pela liberdade, pela instauração de um regime não apenas de liberdade política, mas também de liberdade cultural, educativa e religiosa, de liberdade económica e social.

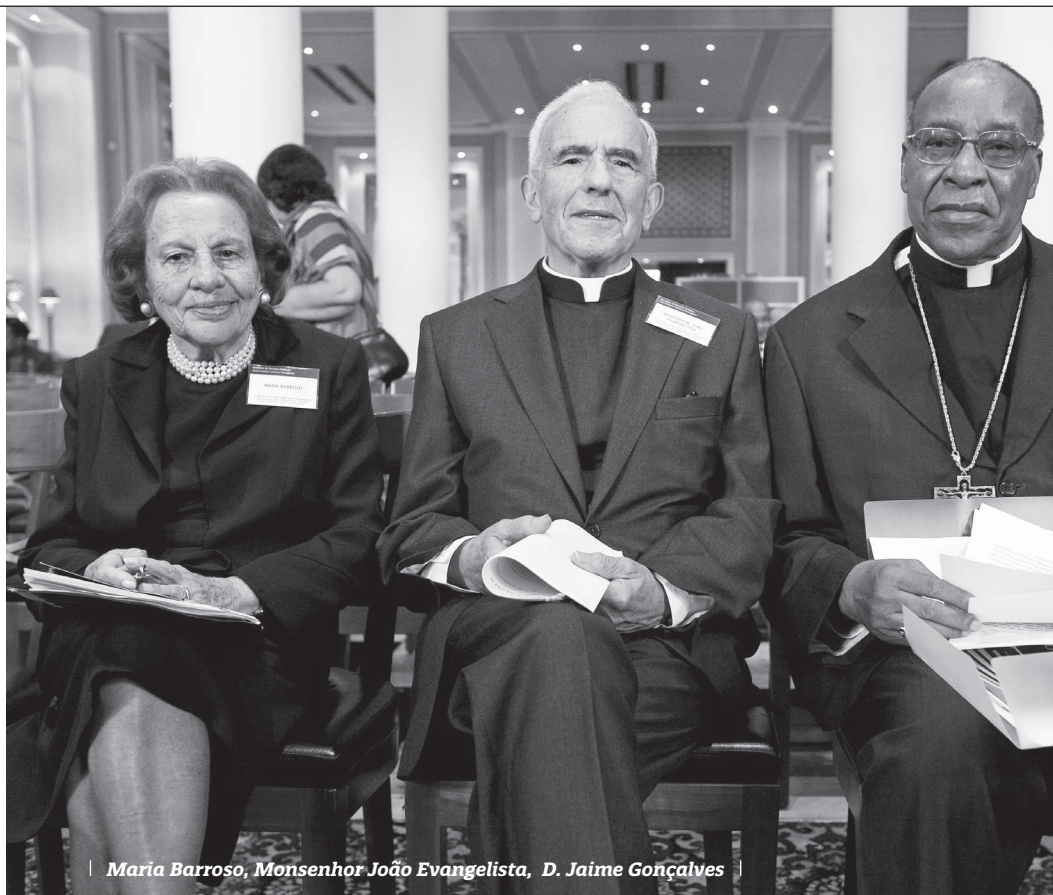
Esse combate pela liberdade custou-lhe a perda da liberdade cívica, sua e também de seu marido, com quem partilhou a vida e os ideais de liberdade.

Mulher de arte e de cultura, sobretudo como actriz de teatro, bem cedo se insurgiu contra as formas de cerce-

amento da liberdade de criar e de exprimir, o que lhe valeu a interrupção de uma brilhante carreira nos palcos. O seu palco público ia por isso ser necessariamente outro, o da procura do espaço de liberdade para todos.

Enfrentou a adversidade, envolveu-se em combates políticos desiguais. Tomou partido publicamente, quando era proibido, para defender não apenas os que estavam privados de liberdade, mas pelos mais fracos, privados de dignidade. Bem cedo se tornou mulher de educação, e defensora, também ela, da liberdade de educação, de que seria arauto e intérprete ao longo da vida.

Quando raiou a madrugada da liberdade, Maria Barroso comprometeu-se na construção de um novo regime e de uma nova sociedade. Foi constituinte, deputada, primeira dama. E também aí fez da liberdade e da solidariedade social a sua bandeira. Aberta a todos, tolerante e dialogante, inclusiva e promotora do bem comum, dentro e fora de portas, patriota e cidadã do mundo,



| Maria Barroso, Monsenhor João Evangelista, D. Jaime Gonçalves |

Maria Barroso tornou-se uma bandeira do novo Portugal democrático.

Maria Barroso, a quem chamaram quando nasceu Maria de Jesus, estava porém fadada para outro encontro de liberdade, na sua vida. Quando jovem, no Teatro Nacional, interpretara de Régio “Benilde ou a Virgem Mãe”. Havia de ser esse porventura o prólogo de um mais tardio reencontro, de “mães dolorosas”, aos pés do sofrimento do filho.

E Maria de Jesus, de mulher de liberdade que sempre fora, iluminada por esse encontro, livre por dentro, haveria de tornar-se na mulher de dignidade que hoje conhecemos, Mãe de muitos filhos, apostada em levantar gente do chão, pela promoção social de crianças, de refugiados, de idosos, de mulheres, de doentes ou deficientes, pela solidariedade e pela fraternidade, pela educação livre, pela afirmação da dignidade da pessoa humana.

O exemplo de Maria Barroso revela a todos nós como a liberdade, quando procurada com verdade, acaba por nos libertar, por nos abrir ao horizonte da liberdade plena. “A verdade vos libertará” na conhecida expressão de S. João (8.32). E tal como aconteceu a S. Paulo, o mais famoso convertido da história,



A vida de Maria Barroso confunde-se com a luta pela liberdade, pela instauração de um regime não apenas de liberdade política, mas também de liberdade cultural, educativa e religiosa, de liberdade económica e social

essa libertação é um caminho, e constitui por isso um percurso progressivo de aproximação.

Maria Barroso há muito que se fez

nossa companheira de caminho, de verdade e de vida. Percurso longo o que temos que fazer, até que a liberdade nos liberte plenamente na santidade. Conhecemo-la bem, identificada com o Homem integral que é símbolo da nossa identidade institucional, alfa e ómega da história humana. É por isso, um exemplo eloquente do que podem a liberdade e a fé, de mãos dadas, fazer à história de cada um de nós.

Temos acompanhado o seu trajecto de aproximação à Igreja, e não podemos deixar de admirar a sua capacidade de vencer o preconceito, de assumir publicamente o seu processo de conversão. Mulher de fé, porque interiormente livre, mulher de liberdade por amor da verdade.

Quem recordar Paulo de Tarso, ou as Confissões de Agostinho de Hipona, ou Inigo de Loyola, na gruta de Manresa, ou Les grandes amitiés dos Maritain, antes de entrarem na Igreja, em Montmartre, com Léon Bloy como padrinho, sabe a coragem que pede a conversão para vencer resistências e incompreensões, para renunciar ao mundo e ir à conquista da “liberdade espiritual” dos santos, quem conhece estes exemplos sabe o “sofrimento” e a “secura” da perspectiva de renúncia, mas também a alegria e a paz imensa da recepção.

Maria Barroso, nossa amiga, é também uma mulher de paz, empenhada em combater todas as formas de violência. Há anos organizou connosco uma conferência internacional sobre a violência nos meios de comunicação social. Porque a violência fere não apenas a paz entre povos e nações, mas também a paz interior, porque a violência destrói a vida, não apenas a de pessoas, mas também a vida que graça no interior de todos nós, esperamos que Maria Barroso também defensora da vida, venha a estar com o seu percurso, plenamente connosco nessa defesa.

Minhas Senhoras e meus Senhores, ao atribuir à Dr^a. Maria de Jesus Barroso Soares este prémio, o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa quis seguramente agradecer uma antiga e devotada amizade e dedicação, tantas vezes manifestada, mas quis sobretudo enaltecer o sentido do percurso de vida de uma lutadora pela liberdade e pela dignidade humana.■